



O Brasil da carne prime

Da genética ao prato dos consumidores mais exigentes, fazendas brasileiras avançam na produção de carnes nobres



O mercado de carnes premium vive um momento de confiança no Brasil. O crescimento da renda da classe média - e o consumidor cada vez mais exigente quando o assunto é qualidade de carne -, têm impulsionado o segmento. Na última década, o avanço desse mercado foi de 20% ao ano. Mesmo com o progresso acelerado, a carne bovina premium ainda representa apenas 3% do consumo global.

Assim como o aumento do consumo da carne premium no Brasil, houve também ampliação nas exportações. De acordo com Ana Doralina Menezes, gerente do Programa Carne Angus, no primeiro semestre de 2021 houve aumento de 21% nas exportações de carne Angus certificada, em comparação ao mesmo período de 2020.

No varejo, crescem estruturas mais sofisticadas para venda de carne nos supermercados, além da ascensão das boutiques de carnes. A demanda também é crescente em redes de restaurantes e no setor de fast-food, incrementando seus cardápios com a mais nobre das proteínas.

A ORIGEM DA CARNE PREMIUM

Para produzir carnes nobres é fundamental ter animais superiores. Associados à genética, é imprescindível que a nutrição e o manejo

sejam adequados. Faz-se necessário trabalhar com raças que possuem potencial de deposição de gordura intramuscular (conhecida como marmoreio), além de maior precocidade e conformação de carcaça com acabamento de gordura. Nesse contexto, a raça Angus foi divisora de águas na produção de carne de qualidade no mundo e, nos últimos anos, tem sido protagonista em nosso país.

Com um rebanho de aproximadamente 216 milhões de cabeças, segundo dados do IBGE, o Brasil possui o maior rebanho comercial do mundo. Estima-se que 80% desse rebanho é formado por raças zebuínas, e a introdução da genética Angus no cruzamento com essa base de fêmeas zebuínas têm transformado a qualidade e quantidade de carne produzida no Brasil.

PIONEIRO

Com mais de 30 anos de seleção de Angus, a VPJ é uma das precursoras na criação, seleção e melhoramento genético da raça em nosso vasto território. Em função do crescimento do mercado de carnes prime, o trabalho de Valdomiro Poliselli Júnior, presidente da VPJ, direcionou sua seleção para linhagens especializadas em qualidade de carne. "Trabalhamos com duas linhagens: Marbling e Performance. A primeira é ordenada em melhorar gene-

ticamente animais Aberdeen Angus, com foco principal em marmoreio. Importamos fêmeas e embriões congelados, que deram origem ao novo programa VPJ Angus Marbling", explica o pecuarista.

Já na linhagem Performance, a seleção é feita desde 1995, quando a empresa importou 165 fêmeas do Canadá e Estados Unidos. Em 2011, o rebanho foi conduzido em sua totalidade, para a raça Aberdeen Angus, sempre com o foco em performance e desenvolvimento ponderal. O grupo de matrizes que compõem o rebanho da VPJ Angus Performance é composto por animais de altos índices de desempenho para peso à desmama, peso ao ano e sobreano, além de carcaça. Uma genética que contribuiu para a pecuária de ciclo curto, indicada para fazendas que fazem o ciclo completo.

Todos os animais da VPJ, de ambas as linhagens, são genotipados e registrados na American Angus Association. Dessa forma, os animais VPJ são comparados com a base de dados da raça em nível global, competindo no ranking mundial de qualidade.

Para Ana Doralina Menezes, gerente do Programa Carne Angus, o trabalho da VPJ tem foco claro na seleção. "O projeto é alicerçado em características para produção de carne de alta qualidade, com animais produtivos, bem adaptados aos diferentes sistemas de produção, com ênfase em atributos da carcaça, como área de olho de lombo, marmoreio e maciez", comenta.

RAÇAS COMPLEMENTARES

O Angus em vaca zebuína: caminho certo na produção de carne de qualidade. Prova disso é a comercialização de sêmen, que em 2020 ultrapassou 7,08 milhões de doses. Mas depois desse primeiro cruzamento, que gera os animais F1, o pecuarista muitas vezes se questiona: o que fazer com a matriz?

Enxergando o potencial

gigantesco desse mercado, a VPJ iniciou o trabalho de criação e melhoramento genético da raça Brangus - um taurino sintético, que possui 62,5% de sangue Angus - animal que apresenta altos índices de produtividade, mesmo criado sob condições de clima e meio-ambiente adversas, típicas das regiões tropicais e subtropicais. Indicado para cobrir matrizes F1 a pasto e em sistema extensivo, possibilitando que os produtos desse cruzamento integrem os programas de carne Angus certificada e recebam bonificação de qualidade de carne e carcaça.

Para sistemas de produção mais intensivos e tecnificados, na matriz F1 indica-se a utilização de touros Ultrablack, que também dão sequência ao programa de certificação e bonificação pela carne produzida.

ACESSO À GENÉTICA

Há 24 anos, a VPJ promove, anualmente, um remate, que possibilita acesso a pecuaristas de todo o Brasil a esse valioso material genético. A cada edição, o leilão apresenta animais superiores e é reconhecido pelo mercado, sendo palco de diversas quebras de recordes de valorização. Exemplo disso foi a comercialização em 2020, do touro VPJ Higher Proactive IA 001, por R\$734.000,00 - recorde nacional da raça Angus.

O leilão este ano será presencial e acontece dia 30 de outubro, a partir das 12h, direto da Red Eventos, em Jaguariúna (SP), com transmissão do Canal Terraviva. Em oferta, a melhor genética Angus, Brangus, Ultrablack e Quarto de Milha de trabalho de alta qualidade genética e competição.

INFORMAÇÕES
ASSESSORIA DE IMPRENSA:
BERRANTE: (34) 3305-2102

RESERVA DE MESAS:
BETH PROGRAMA LEILÕES: (11) 94315-8678

Curso gratuito sobre boas práticas entre apicultura e agricultura já conta com sete módulos



A relação sustentável entre a agricultura, a apicultura e os defensivos agrícolas é tema de um treinamento desenvolvido pelo Col-

meia Viva, programa do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos Para Defesa Vegetal (Sindiveg), que já conta com sete módulos. O curso

é gratuito e, a cada módulo, o participante pode gerar um certificado. As inscrições estão disponíveis no site sindiveg.org.br/cursos.

“Essa iniciativa de disseminar informações de qualidade faz parte da construção de uma relação mais produtiva entre a agricultura e a apicultura. Queremos maximizar a proteção às abelhas, incentivando o diálogo entre apicultores e os agricultores, que dependem da utilização de insumos para a proteção das plantações contra pragas e doenças”, afirma o presidente do Sindiveg, Julio Borges.

Os módulos abordam fundamentos da agricultura, da apicultura e dos defensivos agrícolas e as boas práticas envolvendo as atividades. Também são temas as técnicas para aplicação destes produtos de forma amigável às abelhas, os impactos do mau uso aos polinizadores e a importância de protegê-los, bem como a profissionalização da apicultura.

“O módulo 7, mais recente, fornece orientações para a melhor aplicação terrestre de defensivos, visando tornar essa prática mais amigável às abelhas. Nele, evidenciamos as abelhas como insumos agrícolas e abordamos a importância de evitar aplicações durante

floradas, a ter cuidados na dessecção e a implantar o manejo integrado de pragas”, afirma Daniel Espanholetto, especialista em uso correto e seguro do Sindiveg e coordenador do Colmeia Viva.

A relação saudável entre cultivos e abelhas é essencial para o sucesso de plantações. Espanholetto explica que sem a polinização realizada por animais – categoria que inclui as abelhas –, culturas dependentes podem ter perdas de 40% a 100% na produção. Entre essas culturas estão a maçã, o maracujá e a melancia, por exemplo. Assim, as boas práticas contribuem para a segurança alimentar, protegendo os cultivos e assegurando sua produtividade.

Guia traz orientações para solicitar o reconhecimento internacional como Sistema Importante do Patrimônio Agrícola Mundial



O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), por meio da Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo, atualizou o “Guia para elaboração de propostas ao reconhecimento internacional de Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial: Orientações aos postulantes”. O material é uma versão traduzida e adaptada do manual em inglês, elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).

O documento fornece instruções para a elaboração de propostas nacionais ao reconhecimento internacional oferecido pelo programa Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial (SIPAM). Uma iniciativa da FAO que ressalta a importância global de sistemas agrícolas locais para a conservação do patrimônio cultural e socioambiental, a segurança alimentar e nutricional, a proteção dos conhecimentos tradicionais e a conservação dos recursos fitogenéticos.

Além de indicar os conteúdos a serem descritos em cada seção do formulário de submissão, o guia contém notas explicativas sobre como elaborar e organizar os mapas geográficos e de uso e cobertura da terra, que devem ser apresentados junto às propostas.

“É importante destacar que o nosso Brasil possui sistemas agrícolas tradicionais com grande potencial para serem reconhecidos pelo programa SIPAM e nossa meta é apoiá-los para que alcancem essa conquista, pois sabemos que se refletirá em significativos benefícios para diversas comunidades tradicionais”, afirma o secretário de

Agricultura Familiar e Cooperativismo do Mapa, César Halum.

O guia é resultado de Projeto de Cooperação Técnica Internacional realizado por meio de parceria entre o Mapa, a FAO e a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) do Ministério das Relações Exteriores (MRE). No Brasil, com o apoio do Mapa, o Sistema Agrícola Tradicional (SAT) da Serra do Espinhaço Meridional de Minas Gerais, também conhecido como “Apanhadores e Apanhadoras de Flores Sempre-Vivas”, foi o primeiro a ser reconhecido internacionalmente como patrimônio agrícola mundial pela FAO. Em março de 2020, a ministra Tereza Cristina e a primeira-dama Michelle Bolsonaro realizaram a entrega do certificado aos apanhadores e apanhadoras de sempre-vivas durante a cerimônia realizada em Brasília.

Os SATs são sistemas de produção nos quais elementos culturais, ecológicos, históricos e socioeconômicos interagem, formando diferentes arranjos e técnicas produtivas que, em seu conjunto, se mostram resilientes e sustentáveis, gerando paisagens características. São atividades produtivas como agricultura, pesca, extrativismo, beneficiamento artesanal, manejo florestal e outras, realizadas conforme o manejo adaptativo dos recursos naturais, as experiências acumuladas ao longo de gerações, a troca de saberes entre conhecimento tradicional e científico, a prática sobre a agrobiodiversidade, as inovações e adaptações produtivas frente às características do terreno e o arcabouço cultural de seus habitantes.

Curso on-line de gliricídia para nutrição animal é lançado na plataforma e-Campo



Gliricídia tem alto valor proteico. Uma leguminosa de alto teor proteico, altamente resistente a altas temperaturas e poucas chuvas, com crescimento rápido e múltiplas aplicações nos sistemas de produção. Essa é a gliricídia, arbusto originário da América Central e em franca expansão no Brasil.

Para levar aos produtores informações e conhecimento sobre a planta e seu uso na nutrição animal, a Embrapa Tabuleiros Costeiros (Aracaju, SE) lançou na plataforma e-Campo – a vitrine de capacitações on-line da Embrapa – o curso “GliriNutri: uso da gliricídia na alimentação de ruminantes”.

Dividido em quatro módulos, com total de 24 horas de conteúdos, o curso tem como objetivo capacitar produtores e agentes de assistência técnica e extensão rural sobre práticas de cultivo e manejo da gliricídia para utilização na nutrição e alimentação de ruminantes.

Os participantes aprenderão sobre informações gerais sobre a gliricídia - o que é, de onde veio, para que serve; práticas de implementação e manejo de áreas adensadas de cultivos consorciados; valores nutricionais da gliricídia in natura e conservada; práticas de implementação do GliriNutri em áreas de pastejo direto e alternativas forrageiras para o uso em conjunto com a gliricídia.

Os pesquisadores da Embrapa Tabuleiros Costeiros Evandro Muniz e José Henrique Rangel, além de Rafael Dantas, da Embrapa Semiárido (Petrolina, PE), especialistas em nutrição de ruminantes, e o analista Samuel Souza, veterinário especializado em produção animal da Unidade sediada em Aracaju,

são os responsáveis pelo conteúdo técnico do curso, com aulas e entrevistas com foco na didática e simplicidade.

Inscrições

O curso é gratuito e a inscrição pode ser feita na página da capacitação na plataforma e-Campo. A carga horária deve ser cumprida em até 60 dias do início das aulas. Para mais informações, as pessoas interessadas devem enviar e-mail para tabuleiros-costeiros.ecampo@embrapa.br.

Gliricídia

A Gliricidia sepium tem demonstrado grande potencial como fornecedora de nitrogênio ao solo, podendo substituir total ou parcialmente o uso de fertilizantes nitrogenados. Vinda do México e América Central, essa planta possui elevada concentração de nitrogênio nas folhas e permite a fixação simbiótica desse nutriente ao solo por meio de bactérias existentes em suas raízes. Trabalhos desenvolvidos nos últimos anos por pesquisadores da Embrapa Tabuleiros Costeiros (SE) têm reforçado essa capacidade da leguminosa de melhorar a fertilidade e fixar nitrogênio ao solo.

A gliricídia apresenta teores de proteína em torno de 23% e produz até 70 quilos de matéria verde por ano. É considerada por produtores uma espécie de “ouro verde” para as regiões secas e quentes. É resistente a climas rigorosos e pode ser usada para recuperar e manter a temperatura do solo, além de servir como cerca viva. Na alimentação de ovinos e bovinos, situações em que é altamente recomendável, essa leguminosa consegue reduzir em 70% o uso do farelo de soja, que representa elevado custo na ração animal.

Mapa e Ministério da Economia definem volume de compra de milho para o Programa de Venda em Balcão



O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) publicou nesta terça-feira, (19/10), no Diário Oficial da União (DOU) a Portaria Interministerial nº 20, assinada em conjunto com o Ministério da Economia (ME), que autoriza a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) a adquirir até 110 mil toneladas de milho para as operações de venda em balcão para os pequenos criadores. A portaria também limita em R\$80 milhões os recursos orçamentários para subvenção do programa considerando esse volume de aquisição.

Essa normativa se fez necessária para a operacionalização da Medida Provisória nº 1604, de 17 de agosto de 2021, que permite a aquisição de até 200 mil toneladas de milho em condições de mercado para o programa de venda em balcão.

Com a publicação da portaria, a Conab poderá fazer a programação

de leilões públicos para a compra de milho, estabelecendo os polos de entrega, o que permitirá a redução de custo de transporte com remoção de estoque.

A autorização de 110 mil toneladas será suficiente para atender a demanda de acordo com a programação da companhia. O Programa de Venda em Balcão (PVB) não foi interrompido, operando com os remanescentes estoques públicos de milho. De janeiro a setembro de 2021, foram vendidas 89 mil toneladas de milho, atendendo a 15 mil pequenos criadores em 21 estados.

“Com essa medida, a Conab garante a manutenção do programa de venda de milho em balcão, mesmo em período que não ocorra formação de estoque com os tradicionais instrumentos da Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), destaca o diretor de Comercialização e Abastecimento Silvio Farnese”.

Zoneamento agrícola de risco climático da Cevada é publicado

Foram publicadas no Diário Oficial da União desta quarta-feira (20) as portarias, de 481 a 488, de Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc) para o cultivo da cevada de sequeiro e irrigada. O cultivo de sequeiro é indicado para São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Já o cultivo da cevada em sistema irrigado é indicado para o Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

O zoneamento tem o objetivo de reduzir os riscos relacionados aos problemas climáticos e permite ao produtor identificar a melhor época para plantar, levando em conta a região do país, a cultura e os diferentes tipos de solos.

O modelo agrometeorológico considera elementos que influenciam diretamente no desenvolvimento da produção agrícola como temperatura, chuvas, umidade relativa do ar, água disponível nos solos, demanda hídrica das culturas e elementos geográficos (altitude, latitude e longitude).

A produção de cevada (*Hordeum vulgare* L.) com finalidade cervejeira é influenciada pelo clima, pelas características genéticas da cultivar e pelas práticas de manejo de cultivos adotadas.

Nos estudos de Zarc para produção de cevada no sistema em sequeiro, foram avaliados os riscos para a incidência de geada no decêndio do espigamento e a análise do risco de deficiência hídrica conforme o tipo de solo, considerando as fases críticas de estabelecimento da cultura no campo (fase I) e durante o enchimento dos grãos (fase III). Os ambientes considerados com aptidão para o cultivo de cevada para uso cervejeiro em sistemas irrigados foram definidos pelos contornos da estação de crescimento da cultura caracterizada por ausência ou pouca chuva, não desconsiderando o risco de geadas.

Os agricultores que seguem as



recomendações do Zarc estão menos sujeitos aos riscos climáticos e ainda poderão ser beneficiados pelo Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro) e pelo Programa de Subvenção ao prêmio do Seguro Rural (PSR). Muitos agentes financeiros só liberam o crédito rural para cultivos em áreas zoneadas.

Acesso aos indicativos de Zarc Produtores rurais e outros agen-

tes do agronegócio podem acessar por meio de tablets e smartphones, de forma mais prática, as informações oficiais do Zarc, facilitando a orientação quanto aos programas de política agrícola do Governo Federal. O aplicativo móvel Zarc Plantio Certo, desenvolvido pela Embrapa Informática Agropecuária (Campinas/SP), está disponível nas lojas de aplicativos: iOS e Android.

DICAS DO MUNDO PET

Você sabe interpretar os sinais do seu gato?

Os gatos são considerados criaturas misteriosas pela maioria das pessoas. Mas será que isso é realmente verdade? Os felinos têm uma linguagem corporal muito sofisticada. Eles comunicam suas emoções posicionando suas orelhas, bigodes e corpo, mudando suas expressões faciais e movimentando seus rabos. Como essas mudanças são muito sutis, muitas vezes passam despercebidas por nós, seres humanos que nos comunicamos principalmente pela fala. Mas, afinal, como os gatos se comunicam?

1- Olfato

Gatos se comunicam com outros gatos e com o território onde ele vive principalmente pelos cheiros. Já percebeu quando você chega com sacolas do mercado e a primeira coisa que ele vai fazer é cheirar e investigar tudo o que tem ali dentro?

Pois é, com 200 milhões de células que fazem a captação dos cheiros (os humanos possuem em média cinco milhões), os gatos são capazes de sentir cheiros que nunca conseguiremos sentir.

Quando o gato sai do seu território, ele pode se sentir ameaçado. Então, a primeira informação que ele vai precisar é: será que o cheiro daqui é seguro? Tem algo familiar? Tem alguma ameaça aqui?

E por esse e outros motivos que os gatos não são muito fãs de sair

de seu território e ir para outro local. Claro que existem exceções, mas a maioria fica com medo, se sentem ansiosos e podem se tornar até agressivos quando são tirados do seu território.

2- Expressões faciais e corporais

Os gatos nos dizem muito com o corpo. Embora todos os felinos comuniquem o que estão sentindo de formas ligeiramente diferentes, existem alguns sinais gerais que eles usam, tanto com humanos quanto com outros gatos.

Orelhas

- Orelhas erguidas: um gato relaxado apresenta as orelhas erguidas e ligeiramente viradas para os lados. Se elas começam a se posicionar para frente, o seu gato pode estar em alerta ou frustrado.

- Orelhas achatadas: elas podem ter diferentes significados. Para os lados e para baixo, o seu gato pode estar assustado ou apenas tentando reunir informações do ambiente. Quanto mais achatadas e para os lados (chamamos de lateralizadas), mais assustado e com medo o pet pode estar.

Olhos

Os olhos do seu gato podem indicar o que ele está sentindo. As pupilas (aquela bola preta dos olhos) podem dilatar, ou seja, ficar maiores quando o gato é estimulado (por uma brincadeira por exemplo),

quando ele fica surpreso ou com medo.

Quando as pupilas se contraem, ou seja, aquela bola preta fica parecendo uma fenda, pode indicar que o seu felino está tenso ou em uma possível agressão.

É sempre válido lembrar que a pupila sofre interferência da luz. No escuro, ela dilata para que o gato possa enxergar mais, enquanto na presença da luz, ela se contrai.

Bigodes (vibrissas)

A principal função dos bigodes é fornecer informações táteis para o gato, mas eles também nos informam se ele está relaxado, estimulado e até com dor. Os bigodes nunca devem ser cortados, já que eles compõem o sistema sensorial felino.

Um gato com os bigodes para frente pode estar buscando informações, já que os bigodes são capazes de detectar objetos e movimentos no ar. Quanto mais para frente estão, mais atento o gato está.

Você já reparou no seu gatinho caçando? Ele posiciona os bigodes bem para frente, geralmente na direção da presa, que pode ser um brinquito.

Um gato relaxado em geral tem os bigodes suaves, apontados para os lados, enquanto que um felino assustado e com medo encolhe esses bigodes para perto do rosto, na tentativa de se proteger.

Rabo

O rabo do gato serve para muitos propósitos, como ajudar no equilíbrio e pulos, servir como proteção e aquecimento, e ele é um indicador maravilhoso das emoções felinas.

- Rabo para cima e ereto: significa que o seu gato está confiante, amigável e seguro. Tremer a pontinha do rabo, também pode indicar uma emoção positiva.

- Rabo para baixo: os gatos podem estar assustados ou tentando se defender. Durante a perseguição de presas, o rabo pode tomar essa postura.

- Rabo enfiado pelas pernas: é a mais extrema expressão de medo e também de dor.

- Rabo arrepiado em posição de “meio mastro”: geralmente sinaliza um estado de alerta, mas pode ser uma manobra de ataque ou defesa.

- Rabo para baixo e balançando em “chicote”: pode ser indicativo de agressão ou defesa, irritação e até frustração.

Viram como não é tão fácil interpretar os sinais dos nossos gatos? Mas não é uma tarefa impossível, né?

O segredo é sempre observar todas essas posturas e sinais ao mesmo tempo, de uma só vez. Comece a observar mais o seu gato e treine bastante. Logo você ficará um “expert” em analisar seu gato.

Cachorro latindo: como lidar com cães que latem demais?



Latir é um comportamento natural dos cães, mas apenas utilizado em últimos casos. Veja como minimizar os latidos em casa. Os cães se comunicam de diversas formas. Sabe quando ele faz 200 xixis no passeio? Isso é comunicação química. Ele libera cheiros através da urina. E mesmo que a gente ache meio estranho o cachorro cheirar o bumbum alheio, também é uma ótima forma de comunicação. Há muitas informações importantes naquela área.

Outro tipo de comunicação é a física. Eles utilizam todo o corpo para "dizer" algo. Não é só o rabo que demonstra as emoções, mas também as orelhas, pupila, olhar, posição de cabeça, pelo, pata, posição corporal, boca... Basear somente no rabo é o mesmo que conversar com outra pessoa olhando só para os pés dela. Não podemos nos esquecer de observar o conjunto para conseguir entender o que o cão está comunicando.

Mas para que serve o latido?

O latido é uma das últimas formas de comunicação utilizadas pelo cachorro. E como se fosse um grito com neon piscante. Se você não compreendeu todos os outros sinais emitidos pelo cão anteriormente, ele vai latir para se expressar.

Difícilmente estamos de olho em tempo integral no nosso cachorro. Assim, perdemos uma boa parte do que ele está comunicando. Mas, por sermos muito auditivos, basta o cachorro fazer um barulho, que olhamos no mesmo momento. Se ele late, normalmente isso irrita e incomoda, já que nos preocupamos com vizinhos e afins. Então, damos logo o que o cachorro quer, para cessar aquele comportamento. É exatamente nesse momento que o cão começa a suprimir as comunicações "brandas" e passa a usar somente latidos, rosados, uivos e até mordidas. Afinal, é somente dessa forma que ele é

atendido ou compreendido.

Como resolver latidos?

Não adianta querer resolver o latido excessivo quando o cão já disparou a latir. Se eu começo a falar gritando, por mais que outra pessoa peça para eu falar baixo, eu já perdi a referência. Posso até diminuir o volume, mas, em seguida, já volto a falar alto. Com o cachorro é mais ou menos a mesma coisa. Se ele está latindo e você pede para ele ficar quieto, ele para por um tempo e depois volta a latir. Afinal, ele precisa comunicar algo.

A solução dos latidos não é ignorá-los, como muitos pensam. Se você estiver querendo muito contar sobre algo, ou solicitar alguma coisa a alguém e essa pessoa te ignorar, você vai parar de falar ou solicitar? Ou vai pedir cada vez mais alto e ficar cada vez mais brava?

Se o cachorro late é porque quer comunicar algo e deve ser ouvido. Mas o ideal mesmo é que ele seja compreendido sem precisar latir. E é por aí a solução. Aprender a ler o cachorro, antes dele começar a latir é fundamental. Outra opção é ensinar outras formas de comunicação ao cão, que não dependa de latidos.

Se ele quer passear, ele pega a coleira e leva até você. Se ele quer comida, ele olha para você e olha para o armário. Se ele quer carinho, puxa sua mão com a pata. Se ele quer subir no sofá, ele coloca a patinha pedindo autorização. Tudo isso só funciona, se ele for atendido. Se ele for ignorado, ele vai voltar a latir.

Aqui em casa, eu ensinei diversas comunicações para a minha cachorra. Por ser uma chihuahua, ela chegou com hábito de latir e chorar para tudo. Hoje, quando ela quer subir no sofá, ela apoia as patinhas. Claro que eu não ensinei isso do dia para noite.

Mas o mais importante desse treino de comunicação foi atendê-la todas as vezes que ela pedia.

Ela também foi ensinada a não descer do sofá sozinha. Caso ela queira ir para o chão, basta ela rodar duas vezes em torno do próprio eixo, que, imediatamente, é atendida. Para pedir comida, a Aurora vai até o pote, cheira e olha para mim. Se eu não estiver por perto, ela faz o movimento de vir até mim e ir até o pote. Ela vai e volta até que eu compreenda e atenda sua necessidade. São coisas bobas, simples, mas que reduzem, e muito, os latidos.

Latidos para barulhos e portão

A grande dificuldade está nos cães que latem para barulhos no hall do elevador ou no portão. Isso porque é auto recompensador. Imagina que toda vez que o lixeiro passa no portão, o cachorro se incomode e lata para que ele possa se afastar do seu local de conforto. Em seguida, o lixeiro vai embora. Não porque o cachorro latiu, mas porque ele tinha que ir mesmo. Nesse momento o cão, é recompensado pelo seu latido. É como se ele pensasse "viu?! Deu certo. Eu lati para ele ir embora e ele foi".

Em casos como esse, devemos trabalhar a segurança do cachorro e afastá-lo do local de latido. Ao invés dele ir até a porta ou portão para latir, ensinamos a ele ir para a casinha, caminha ou caixa de transporte. Ao invés dele "enfrentar" o que causa medo, vamos dar a oportunidade dele "fugir" do medo e se esconder.

Em contrapartida, vamos aumentar os exercícios e desafios que tragam autoconfiança a ele. O enriquecimento ambiental é uma ótima pedida! Se você estiver com dificuldade de colocar tudo isso em prática, não hesite em contratar um profissional do comportamento.

Como levar cachorro no avião

As férias do fim de ano estão chegando, o destino já foi traçado, as passagens foram compradas e o pet foi incluído no pacote. É aí que surge uma dúvida muito comum: como levar cachorro no avião?

A princípio, o tema sobre como viajar com cachorro de avião veio à tona um pouco antes do habitual neste ano. Isso porque uma empresa aérea decidiu suspender o transporte de pets no porão das aeronaves após dois casos de óbito e cães em apenas um mês. Os casos aconteceram na parte do bagageiro do avião, que é onde as companhias aéreas permitem que cães de médio e grande porte viagem. "Mas, então, tem como evitar que o meu pet seja transportado nesta área do avião?" É o que a gente vai te explicar!

Pode viajar com o cachorro de avião?

Na grande maioria das companhias aéreas brasileiras é permitido viajar com cachorro de avião. Entretanto, cada uma possui suas regras, uma vez que não existe uma legislação específica sobre o tema. Portanto, antes de escolher a companhia aérea, o ideal é pesquisar sobre as determinações de cada uma. Assim, você pode comprar a sua passagem com a companhia cuja política de transporte de animais seja a mais agradável para você e o seu pet.

Bagageiro do avião: a grande polêmica!

A princípio, a maioria das companhias aéreas permite apenas que cachorros de pequeno porte e gatos viagem na cabine junto aos demais passageiros. Dentro de uma bolsa de transportes para pets, o cãozinho pode ser levado na parte de baixo dos assentos.

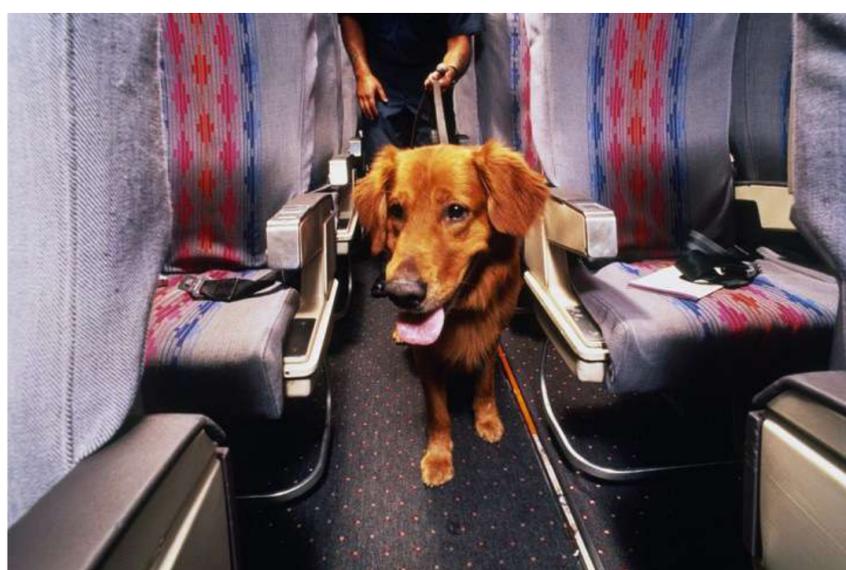
Entretanto, no caso dos cães de médio e grande porte, não é possível transportá-los na cabine. Logo, a única alternativa para viajar com o cachorro de avião é levá-lo no bagageiro, que fica na parte de baixo da aeronave.

Informação importante: algumas companhias aéreas não transportam cães de algumas raças como Boxer, Chow Chow, Staffordshire Bull Terrier, Buldogue Inglês, entre outros. Portanto, por mais que seu cão esteja com as vacinas em dia e com atestado de boa saúde, ele poderá ser impedido de viajar caso a raça dele esteja entre as que não são aceitas pela companhia.

Como levar cachorro no avião: documentação necessária

A princípio, apesar de não haver uma legislação específica para levar pets no avião, alguns documentos padrões são requeridos antes da viagem.

Para viagens nacionais, você precisará ter:



- Atestado de saúde;
- Carteira de vacinação;
- Comprovante atualizado de vacina antirrábica.

Para viagens internacionais:

- Carteira de vacinação do cachorro;
- Certificado Zoosanitário Internacional (CZI);
- Certificado Veterinário Internacional (CVI);
- Laudo Sanitário.

No caso das viagens internacionais, alguns países pedem que o pet tenha um microchip implantado, para que ele possa ser identificado. Caso não conheça, o chip para cachorro, que é do tamanho de um grão de arroz, serve para armazenar as principais informações do pet, como nome, espécie, sexo, cor, idade, raça e os dados do tutor.

Dicas de como levar cachorro no avião

A primeira dica para levar o seu cachorro no avião com tranquilidade é habituá-lo à situação antes do voo. Isso porque a viagem pode causar muito estresse e até pânico para os cães que nunca entraram em um avião ou ao menos em uma caixa de transporte.

Por isso, o ideal é que você introduza uma experiência parecida para que ele se habitue à caixa de transporte.

Uma boa maneira é colocá-lo dentro da caixa para um passeio de carro. Aos poucos, você pode ir aumentando a frequência e o tempo dos passeios. Também é importante fazer com que a experiência seja totalmente positiva para ele. Apenas dessa forma é possível evitar com que a viagem de avião seja um momento de muita angústia e estresse para ele.

Além disso, alguns produtos específicos para pets podem ser usados para garantir que o pet não sofra durante a viagem. O Adaptil, por exemplo, juntamente com um trabalho de um profissional de comportamento qualificado, também pode ser muito positivo para garantir que a viagem seja tranquila.

A seguir, veja algumas dicas simples de como levar cachorro no avião e evitar que a experiência seja negativa:

1. Deixe a caixa de transporte aberta e sempre à vista do seu cachorro para que ela se torne familiar para ele.

2. Ofereça petiscos dentro dela e faça um carinho quando ele entrar

3. Se possível, ofereça uma das refeições do dia dentro da caixa

4. Faça passeios gradativos com ele dentro da caixa

5. Nunca force o seu cachorro a entrar na caixa

